

AS TIC COMO PRESSUPOSTO METODOLÓGICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: resultados de pesquisas e relatos de experiências
ICT as methodological assumption for teaching Philosophy: results of researches and reports of experiences

Ediel dos Anjos Araújo*

Danillo Matos de Deus**

Simey Fernanda Furtado Teixeira***

Angelo Rodrigo Bianchini****

RESUMO: Em se tratando do ensino de Filosofia e de suas possibilidades no século XXI, em meio à velocidade da informação e todo aparato tecnológico em curso, sabe-se que o professor da referida disciplina precisa passar por um processo de atualização metodológica em função da necessidade de adequação a esta nova realidade tecnológica. Assim, com a intenção de revitalizar as aulas de Filosofia, propomos a utilização das TIC como um meio para a reflexão filosófica, aproveitando todas as suas potencialidades e possibilidades. Neste relato de experiência apresentamos uma possibilidade de implementação do ensino de filosofia, partindo da hipótese de que a tecnologia em sala de aula pode motivar os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, TIC, Relato de experiência.

ABSTRACT: When it comes to Philosophy teaching and its possibilities in the 21st century, in the midst of the speed of information and every technological apparatus in progress, it is known that the teacher of this discipline needs to undergo a process of methodological updating in function of the need for adequacy to this new reality, inattentive students, uninteresting classes and, above all, the fetish for technologies that we are seeing, otherwise, their classes will become boring and students will not meet the expected objectives and will spend Philosophy hours doing things other than the philosophical reflections directed by the teacher. The use of mobile phones and social networks will be more interesting than the Philosophy class. In order to prevent this from happening and to make Philosophy classes more interesting, we propose the use of ICT as a medium for philosophical reflection, taking advantage of all its potentialities and possibilities. In this essay we will present some reports of experience as a possibility for implementation in the teaching of philosophy, starting from the hypothesis that they can motivate the students.

KEYWORDS: Philosophy, ICT, Experience

1. Introdução

Em meio à velocidade da informação e a todo aparato tecnológico em uso na atualidade, sabe-se que o professor de Filosofia precisa passar por um processo de atualização

* Vinculado ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA, araujo_ediel@yahoo.com.br

** Vinculado ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA, danillodedeus@yahoo.com.br

*** Vinculada ao programa de mestrado profissional – PROF/FILO – UFMA, simeyfurtado@hotmail.com

**** Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - PROFI-FILO/UFMA, Departamento de Educação II, ar.bianchini@ufma.br

metodológica em função da necessidade de adequação da sua metodologia a esta nova realidade, de alunos conectados ao mundo por meio de celulares. Assim, nosso objetivo é apresentar um relato de experiência com o uso das TIC em sala de aula na disciplina de Filosofia.

Na intenção de revitalizar as aulas de Filosofia e de torná-las mais interessantes, é que nós propomos a utilização das TIC como um meio para a reflexão filosófica, aproveitando todas as suas potencialidades e possibilidades, uma vez que a grande maioria dos alunos possui modernos celulares que são utilizados na maior parte das vezes em bate papos e redes sociais e não como fonte de pesquisa e produção de conhecimento.

Tomando como recorte teórico a última década do século em curso, a *Ágora* passou a ser compreendida como o espaço virtual democrático onde todos começam a ter voz e vez. Assim, os debates passaram a ter outro significado neste ciberespaço composto por toda infraestrutura material, tecnológica e pelos sujeitos que acessam e alimentam as TIC, como aponta Pierre Lévy (2001).

Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização. Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, virtual da informação que é, parece-me, a marca distintiva do ciberespaço. Esse novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do próximo século. (LÉVY, 2001, p. 92-93).

Para potencializar nossa discussão, buscamos produções acerca do tema em duas principais bases, o Google acadêmico e o Scielo, utilizando palavras-chave como Filosofia e TIC, Ensino de Filosofia e Tecnologias Educacionais, Filosofia e Autonomia, Filosofia e Kant, Kant e Autonomia. A partir delas, encontramos algumas produções (artigos, e dissertações) que discutem a questão.

Estamos trilhando diferentes caminhos na intenção de demarcar e contextualizar nossa pesquisa frente ao que já foi produzido acerca do ensino de Filosofia e a relação desse com as TIC, assim como as políticas públicas educacionais que, em tese, dariam esta possibilidade. A principal base utilizada nesta pesquisa foi a do Google acadêmico, direcionado pelas palavras-chave acima citadas. Trazemos a seguir algumas discussões

importantes sobre essas questões, a partir de relatos de experiências que foram desenvolvidas utilizando-se as TIC como metodologia aplicada ao ensino de Filosofia.

2. As TIC e o Ensino de Filosofia

Contextualizando o Ensino de Filosofia e as TIC, encontramos o artigo A disciplina de filosofia no modelo EAD: limites, desafios e possibilidades da disciplina a distância, de autoria dos professores Gustavo Luiz Gava e Cleverson Leite Bastos (2015). Os autores trazem algumas proposições sobre o lugar da Filosofia na chamada era dos nativos digitais¹, apontando a necessidade de se pensar uma nova Ontologia. Seria possível uma Ontologia Tecnológica? Sobre isso, pontuam:

Como é possível sobrepujar este limite frente à era digital? Primeiro, por meio de uma engenharia reversa do conhecimento; segundo, por meio de uma estrita tradução dos saberes filosóficos como modo de vida. Haja vista que a própria era digital apresenta-se por meio deste caos de intensa informação. A filosofia na era digital deve servir para dar ordem para esta velocidade infinita da informação infrene, não apenas para estancar as lacunas de ementas curriculares (GAVA; BASTOS, 2015, p.48).

No que se refere às TIC como um recurso metodológico, encontramos o artigo *O uso de metodologias ativas com TIC no ensino de disciplinas filosóficas: aabp nos estudos filosóficos*. Nesse estudo, os autores Thiago Pessoa Prudente, Luís Paulo Leopoldo Mercado e Walter Matias (2015) trazem algumas discussões acerca das novas formas de ensino-aprendizagem, dentre estas as possibilidades com as TIC a partir de conceitos como autoaprendizagem e metodologias ativas de aprendizagem.

Para responder aos seguintes questionamentos: “É possível utilizar metodologias ativas de ensino-aprendizagem aliadas as TIC para o ensino de disciplinas tidas como filosóficas? Qual a percepção que se tem de Filosofia ao se utilizar metodologias ativas de ensino-aprendizagem com auxílio de TIC em outras formações distintas a da Filosofia? Como essa experiência pode auxiliar no desenvolvimento da prática filosófica em si e nas construções decorrentes desta?” (PRUDENTE, MERCADO e MATIAS, 2015, p. 2).

¹ Para Gava (2015, p.3), os nativos digitais são o que ele chama de “os homo zappiens, na era digital”, ou seja, aqueles nascidos “na transição da revolução noética para o Século XXI” (p. 1). O autor explica, ainda que os nativos digitais “mantêm a todo o momento relações ativas. Seja nos mais variados aplicativos e/ou redes sociais. A todo instante estão ativamente a criar. Essas pessoas ‘cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa’ (VEEN & VRAKING, 2009, p. 29, apud GAVA, 2015, p. 7).

Segundo os autores, é possível o uso de metodologias ativas para o ensino de filosofia, como exposto a seguir:

Numa turma de 32 alunos de um curso da área da saúde o professor da disciplina de Ética e Sociedade II resolve trabalhar nesse semestre com o método didático da ABP, assim, ele divide a turma em 4 grupos de 8 alunos cada e solicita que os mesmos estabeleçam entre seus pares quem ocuparão as funções de coordenadores e de secretários nos grupos. Feita essa ação inicial o professor, agora fazendo o papel de tutor, entrega aos grupos um texto base para referenciar as ideias e logo em seguida apresenta a seguinte contextualização e questionamentos bases: ‘O termo bioética é um neologismo inventado pelo oncologista Van Renssler Potter em 1970 e difundido graças ao seu livro *Bioethcs. Bridge to the Future*, em 1971. Neste, seu autor chama a atenção sobre a exigência de um novo relacionamento entre o homem e a natureza. Potter observa que o homem tem se tornado para a natureza aquilo que o câncer é para o homem. Por isso – afirma Potter -, é urgente mudar a relação homem/natureza, e a bioética deve dar as indicações adequadas, pois se até hoje as relações homem/ambiente têm sido regulamentadas com base no instinto, de agora em diante o instinto não é suficiente, sendo que a situação mudou, acarretando a necessidade de uma “nova ciência”: precisamente a bioética. Com base nessa perspectiva qual seria o papel das ciências da saúde no desenvolvimento desse novo contexto científico que se apresenta?’. Para ajudar nas discussões em torno dessa contextualização e da leitura do texto, ele apresenta outros questionamentos que devem servir de subsídios para orientar os caminhos das pesquisas subsequentes. Ao fim da aula o professor/tutor estabelece o cronograma para que as equipes realizem suas pesquisas, marquem encontros para orientação e esclarecimento de dúvidas, apresentem seus relatórios parciais e final, e, a data do encontro para finalização das atividades e apresentação de seus resultados finais sobre o tema. A estratégia didática da ABP favorece a integração de problemas do campo filosófico, como também a prática da filosofia, as mais diversas formações uma vez que promove a construção de um processo crítico/reflexivo nos alunos da ação daquela formação em específico frente a sua atuação no meio social (PRUDENTE, MERCADO e MATIAS, 2015, p. 11).

As chamadas metodologias ativas acabam levando os estudantes a participarem proativamente como construtores do saber, e não apenas como receptores dele, à medida que os estimula a buscarem suas próprias respostas, tomando como referência os questionamentos levantados pelos professores a partir de problemas reais e/ou fictícios.

Sobre o desenvolvimento da Autonomia dos discentes, à luz das tecnologias, encontramos o artigo *A Competência Informacional na Educação a Distância: contribuindo com uma Filosofia de Aprendizagem Independente e ao longo da vida*, onde os autores Cintia Kath Blank e André Luiz Gonçalves (2013) trazem as ferramentas da Web como possibilidade para que os indivíduos possam desenvolver a Autonomia e a proatividade em seu processo de ensino-aprendizagem, ou seja, “aprender a aprender de forma constante por toda a vida, e, aprender a trabalhar em grupo, de maneira colaborativa” (BLANK; GONÇALVES, 2013, p. 42).

Nesse sentido, torna-se possível pensar a junção entre Filosofia (construção e desenvolvimento do raciocínio crítico) e as tecnologias digitais (a ‘frieza’ das máquinas). Poderia surgir uma interrogação: já que estamos pensando na autonomia dos alunos, qual a função do professor? Este ainda se faz necessário na relação ensino/aprendizagem? Morin (2014) responde:

A figura do professor é determinante para a consolidação de um modelo ideal de educação. Na internet, os alunos podem ter acesso a todo tipo de conhecimento sem um professor. Então, eu pergunto: o que faz necessária a presença de um professor? Ele deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos. [...] O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança não aprende apenas com os amigos, a família, a escola. Outro ponto importante: é necessário criar meios de transmissão do conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos. O modelo de educação, sobretudo, não pode ignorar a curiosidade das crianças (MORIN, E. Extra: 17 de agosto de 2014, pág. 31 - Entrevista concedida ao jornal Extra, Rio de Janeiro, Brasil).

Nesta perspectiva, nós, professores de Filosofia, somos levados a buscar diariamente novas estratégias e metodologias que nos possibilitem e nos auxiliem nesta árdua tarefa que é o despertar, fazendo da disciplina Filosofia a chave mestra para a compreensão do mundo que nos cerca, contextualizando com a realidade dos alunos e, com isto, melhorando a relação destes com a disciplina, trazendo os temas ou as reflexões filosóficas, a partir desta nova realidade que se apresenta aos nossos olhos, no contexto da globalização e das novas necessidades surgidas no século XXI.

Sobre a ideia de pensar a Filosofia como aquela que está em constante mudança, a depender do contexto, e que ao mesmo tempo só pode ser apreendida em seu exercício, com sujeitos que pensem por si mesmos, que realizam leituras e interpretações de mundo, que realinham-se e readaptam-se formando seus próprios conceitos, encontramos o artigo

Experiências do PIBID Filosofia da UFSM no projeto “O homem e a tecnologia no século XXI, das autoras, Simone Becher Araujo Moraes e Elisete Medianeira Tomazetti (2014a).

As autoras trazem um relato de experiência a partir do PIBID, levantando a hipótese de que é possível o movimento de pensar filosoficamente a realidade dentro da escola, que ainda se conserva dentro dos moldes da tradicionalidade, e, nesse sentido, ainda se mantém avessa e resistente a esta nova realidade de cultura virtual com os chamados “nativos digitais”.

Nessa mesma linha de pensamento, encontramos o artigo *O ensino de Filosofia e as TIC* (2014), das mesmas autoras citadas acima, criado a partir de experiências e reflexões de pesquisadores do sul do Brasil, apresentados no Simpósio Sul brasileiro sobre o Ensino de Filosofia, e das falas produzidas pelos bolsistas do PIBID 2012, que desenvolveram oficinas de Filosofia nas Escolas Estaduais do Ensino Médio de Santa Maria/RS sob a temática: “o homem e a tecnologia no século XXI.” Sob este enfoque, as autoras escrevem:

Aparecem, portanto, três problemas ou conflitos: primeiro, temos uma forma historicamente enrijecida de ensinar Filosofia; segundo, temos os alunos que são *nativos digitais*, que aprendem e se relacionam de novas formas; e, um terceiro problema que são as TIC e suas inúmeras potencialidades e desafios colocados diante do professor de Filosofia que, por sua vez, tem a necessidade de reelaborar a sua prática pedagógica (MORAES e TOMAZETTI, 2014b, p. 186 e 187).

Segundo as autoras, uma das características do jovem hoje é o pensamento em rede e o uso quase natural dos recursos tecnológicos, pois tem bastante receptividade para as novidades tecnológicas. É nesse sentido que se torna possível a junção das Tecnologias Digitais e o ensino de Filosofia, na abordagem das teorias significativas, por meio das quais os sujeitos envolvidos passam a ter um papel primordial na relação ensino-aprendizagem, para a constituição de um indivíduo autônomo.

Na perspectiva de integração e articulação de pesquisa e tecnologias ao componente curricular de Filosofia, encontramos o artigo *As diferentes linguagens nas construções filosóficas no ensino médio: a integração das tecnologias*, das autoras Elza Elisabeth Maran Queiroz da Silva e Cíndia Rosa Toniazzo Quaresma (2015). No texto em questão, temos a apresentação de resultados de práticas pedagógicas que, segundo relatos, deram certo.

A partir da utilização de um Blog, que serviu como meio difusor de informações e conhecimento, houve a construção de um produto digital, que foi compartilhado na rede. O

Blog se constitui como uma ferramenta colaborativa, estando sempre em processo dinâmico de informação, num movimento constante da rede, propiciando a participação coletiva na criação e veiculação de informações na internet, “uma vez que qualquer pessoa pode criar seu espaço, interagir no espaço do outro, compartilhar elementos do espaço de outros blogs e atualmente compartilhar suas postagens nas redes sociais, ampliando ainda mais sua potencialidade de interatividade na rede.” (SILVA e QUARESMA, 2015, p. 6).

Na perspectiva de como situar o âmbito e o sentido da Filosofia no ensino médio, encontramos o artigo *O uso de recursos midiáticos nas aulas de Filosofia de nível médio na era da tecnologia digital*, onde os autores VASQUES, J e DIAS, R. (2014) fazem uma discussão a respeito do lugar da Filosofia na chamada era digital, uma vez que tais mudanças acabam por interferir de modo significativo na forma como se fará essa reflexão filosófica.

Os autores apontam que além dos problemas que já existem, ou seja, aqueles concernentes ao contexto escolar, que envolvem o processo de ensino/aprendizagem, às dificuldades com a compreensão dos textos filosóficos de um modo geral, em função da capacidade de abstração, que é outro fator complicador, temos também que pensar que o ensino de Filosofia acaba enfrentando alguns problemas que fazem referência à própria compreensão da existência humana e todas as suas contradições, ora reprodução cultural, ora ineditismo, em outros momentos uma simbiose constante.

Um problema maior ainda é a ideia de que o fazer filosófico está ligado à reprodução dos textos clássicos dos grandes filósofos sequencial histórico-temporalmente, como algo que pressupõe uma ação inerente ao ato de aprender a filosofar. Os autores em questão, a partir do posicionamento de Nietzsche, questionam essa forma de ensinar e propõem a utilização de vídeos nas aulas de Filosofia para estimular a participação e o interesse dos alunos pela aula. Conforme Vasques e Dias escrevem:

Partindo desta compreensão, utilizamos ao longo do último semestre (2014/1) vários vídeos (filosóficos, artísticos, jornalísticos, etc.) disponíveis na rede entre os conteúdos e atividades oferecidos aos alunos do ensino médio no Colégio Pedro II – um bom exemplo seria a animação em curta metragem *Fallenart*, apresentado numa das aulas sobre a filosofia sobre Walter Benjamin, que questiona a produção de entretenimento a partir do uso da violência e do sofrimento dos mais fracos, e torna clara a técnica de feitura e edição de um filme a partir da fotografia – tão diferente das técnicas digitais atuais e cujo conhecimento mostra-se essencial à compreensão da problemática apontada por Benjamin. Os vídeos foram exibidos em aula ou recomendados para atividades extraclasse, como conteúdo introdutório aos temas, estratégia para a compreensão de conceitos, base para debates e avaliações ou simplesmente como material complementar de estudo, tendo

frequentemente provocado o incremento no interesse e na participação dos alunos, demonstrando que a apropriação das ferramentas midiáticas e tecnológicas pela escola, de modo consciente e orientado, pode enriquecer a formação em geral e estimular o pensamento filosófico de modo mais específico. Esta percepção pode ser confirmada pelos depoimentos dados por alguns de nossos alunos, quando consultados sobre o uso das mídias digitais em sala de aula (VASQUES e DIAS, 2014, p. 9).

Os autores trazem, em seguida, alguns relatos de alunos sobre a referida experiência, mostrando como é possível acontecer o processo do filosofar não apenas nos moldes tradicionais, mas também contextualizado com a realidade que nos cerca, ou seja, com o mundo das mídias digitais em plena era da informação e da velocidade da comunicação, onde os interesses se perdem muito rápido.

“As mídias digitais devem ser incorporadas às aulas de Filosofia, pois sites como o Youtube possuem milhões de informações importantes, as quais podem enriquecer e tornar as aulas mais dinâmicas e menos cansativas, ou seja, utilizar a tecnologia em sala de aula é o primeiro passo para romper com o arcaico método de educação e estimular a criatividade e o aprendizado do aluno”. (Caio, 3ª série)

“O uso das mídias digitais é de grande importância didática para a aula, visto que a Filosofia requer certa quantidade de leitura e da fala do professor, tornando [o ensino] monótono e dificultando a captação da atenção do aluno. O uso [das mídias] faz uma dinamização das aulas, que desperta a atenção e o interesse, já que o jovem atual é mais interessado em mídias digitais.” (Filipe, 3ª série)

“O uso dessas mídias favorece bastante o enriquecimento das aulas de Filosofia. Isto não apenas se deve ao fato que se aumenta a atenção e a curiosidade por parte dos alunos ao conteúdo das aulas, mas também expande possibilidades de melhor entendimento, pois os textos utilizados no estudo dessa área de conhecimento não costumam ser acessados ou até mesmo apreciados pelos alunos. Além disso, trata-se de um uso positivo das mídias (difusão do conhecimento) que merece e deve ser valorizado nas instituições de ensino.” (Mariana, 3ª série)
(VASQUES e DIAS, 2014, p. 9 – 10).

A internet é uma ferramenta que possibilita inúmeras mudanças na forma como desenvolvemos a interação e a comunicação. Nesse sentido, surgem alguns questionamentos: será que a escola tem conseguido acompanhar de forma significativa estas novas relações? Podemos pensar em expansão do processo de ensino/aprendizagem filosófica envolvendo estas novas ferramentas tecnológicas?

Para responder a estes questionamentos, encontramos o relatório de estágio intitulado *Das limitações do ensino na contemporaneidade à redescoberta da Filosofia através das plataformas digitais: O caso das wiki*, do mestrando Guilherme Luís Leitão

Castanheira (2013), onde o autor apresenta as potencialidades filosóficas da utilização das *wiki* no ensino de Filosofia, a partir de uma experiência desenvolvida no seu campo de pesquisa.

O autor parte do pressuposto de que é importante deixar claro o papel do ensino de Filosofia na educação básica, no qual a internet está cada vez mais presente como um recurso pedagógico. Segundo o mesmo, o ponto de partida é a observação das limitações do ensino na contemporaneidade e a redescoberta da disciplina por meio das tecnologias digitais, trazendo como referência a plataforma Wiki (sítio – site colaborativo, uma sala de aula virtual).

Será possível a mediação do professor no processo ensino/aprendizagem no ciberespaço? Será que o ensino de Filosofia se torna mais eficaz se mediado pelas tecnologias digitais? São algumas reflexões propostas a partir do estudo de caso em questão, no qual foram levantadas as possibilidades de construir junto com os alunos uma pedagogia em rede, por meio das tecnologias digitais. A proposta do autor é que:

Através de tutoriais, construídos especialmente para o efeito, enviei para a mailing-list da turma todos os passos que eles deveriam seguir para a construção da *wiki*. A fim de tornar a experiência mais enriquecedora, solicitei aos alunos que construíssem grupos. Estes tiveram liberdade para escolherem o nome do espaço *wiki* e a sua formatação (cores, letras, imagens etc...). Dos 7 grupos, só 2 é que não mostraram interesse na construção da *wiki*. Contudo, a grande maioria aceitou o desafio e os resultados foram deveras positivos. (CASTANHEIRA, 2013, p. 4)

Como observado, a disciplina Filosofia faz parte de todos os cursos do ensino secundário (equivalente ao ensino médio no Brasil). No caso de Portugal, a Filosofia é vista como uma disciplina indispensável na promoção de condições que viabilizem a autonomia do pensar, tornando-se inseparável da ideia de uma apropriação do pensamento crítico. Fazer uma leitura contextual dessa nova realidade pode aumentar ainda mais as potencialidades do ensino de filosofia aliado às novas TIC. Também é possível pensar na utilização das TIC como um meio promotor de autonomia e criticidade dos discentes.

Ainda acerca da utilização da internet como uma metodologia que facilita o processo ensino/aprendizagem, encontramos a dissertação de mestrado intitulada *A realidade pedagógica analógica: O uso do blog nas aulas de Filosofia*, da Priscila Sisto Dalmarco (2015). A pesquisadora desenvolve uma pesquisa com alunos do primeiro ano do ensino médio do Colégio Estadual Professor Lysímaco Ferreira da Costa, no município de Curitiba-

PR, com o objetivo de utilizar as TIC para a criação e utilização de um Blog colaborativo por parte dos alunos como uma metodologia motivadora ao ato/processo do filosofar. Nessa proposta, a pesquisadora apresenta com as TIC a utilização de outras ferramentas pedagógicas, além dos tradicionais quadro e pincéis.

A proposta pressupõe ainda a ampliação do conceito de cidadania para a ideia do cibercidadão, dentro da conjuntura que envolve a relação direta da modernidade com a educação e as novas tecnologias, a exemplo do que propõe Silva (2010).

Sabemos que a finalidade da educação é formar para a cidadania. Entretanto, na "era digital", "cibercultura", "sociedade da informação" é preciso formar o cibercidadão. Formar para cibercidadania é colocar os grupos sociais e indivíduos em sinergia, utilizando o potencial de comunicação e colaboração do ciberespaço como vetor de agregação social, sociabilidade e participação na cidade, na ciberidade e no mundo. Cibercidadania é mais do que ter acesso à conectividade, é mais do que poder consumir online. É atuar no ciberespaço com perspectiva comunitária e política. As escolas precisam formar as novas gerações para atuação na ciberidade, nas redes sociais reconfiguradas pelas tecnologias digitais e pela internet: participação online de cunho ambiental, político ou social, ciberativismo, "jornalismo cidadão", museu virtual, fóruns de discussão, formação, trabalho e colaboração online. Esse engajamento dos professores e do currículo escolar pode cumprir o papel social da educação em nosso tempo. (SILVA, 2010, s. p., online).

A partir de perguntas-chaves motivadoras como: “é possível inserir o uso do Blog em sala de como um incentivo à construção participativa do aluno na própria formação? O Blog como ferramenta de construção da cibercidadania potencializa a aula de Filosofia?” (DALMARCO, 2015, p. 16), foi possível à pesquisadora viabilizar as seguintes etapas:

Para a coleta de dados utilizei, como pesquisadora, um diário itinerante no qual fiz apontamentos de aula. Para isso, criei uma pasta de pesquisa no computador e nele inseri todos os relatórios de aula. A pesquisa foi assim dividida:

Primeira etapa:

Criamos um questionário com sete questões fechadas e uma aberta que foi disponibilizado no Blog, por meio da ferramenta do Google, permitindo capturar o depoimento dos estudantes. Este questionário também foi entregue impresso, já que assim preferiram alguns alunos.

Segunda etapa:

Esta segunda fase foi voltada para a construção colaborativa de um Blog por turma envolvida na investigação. Foi recomendado como atividade que cada sala criasse seu Blog, com a intenção de poder observar e analisar como os alunos seriam inseridos no universo virtual, a partir da aula de Filosofia.

Em aula, posterior à explicação do que era um Blog, sua utilização e as potencialidades para participar e aprender, indiquei os servidores de

Blogues *Blogger e Wordpress*, além de outros *softwares* para a realização das atividades de aprendizagem.

Quatro turmas utilizaram o *Blogger*, e uma turma utilizou um servidor não indicado em aula pela professora-pesquisadora, o servidor *Webnode*.

Estes Blogues construídos pelos alunos foram analisados de forma a verificar se houve compreensão do uso da ferramenta digital, compreensão dos conteúdos disponibilizados e leitura do Blog de memória de aula. (DALMARCO, 2015, p. 17).

3. Considerações finais

Como foi exposto nas experiências anteriores, vimos que existem inúmeras possibilidades e potencialidades para a utilização das TIC como ferramentas pedagógicas em todas as áreas do ensino e na disciplina de Filosofia não poderia ser diferente, uma vez que pensamos que seu papel seria o de motivadora para o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo dos alunos. Nesse caso, as TIC aumentariam as possibilidades de reflexão e contextualização, inclusive com a realidade política, perpassando pelo avanço rápido dos meios tecnológicos de informação e comunicação. Entretanto, apesar dessas possibilidades, Nunes (2008) postula que:

Não se vê com simplicidade a incorporação do ritmo das mudanças da sociedade pela escola, e nem se acredita que deixe de ser o que é para se tornar noutra, nela subsistindo o velho e o novo, o estático e o dinâmico. [Todavia,] (...) a escola pode ser observada como um corpo vivo ao dimensionar o processo de centralização e descentralização que acontece por efeito da inovação tecnológica no seu ambiente. Ela pode ser considerada como um centro de agregação do coletivo humano para a sistematização do conhecimento, através da convergência de ações estruturadas de educação. E através de um movimento para dentro de recepção por meio de outros canais de ação educacional ligados com o mundo, incrementa a sua potência com os novos recursos para a exploração e produção do conhecimento. Em oposição a essa direção, um movimento para fora leva-a para as extremidades, fragmentando-a e espalhando-a em partes e disseminando a sua função para outros locais, como ramificações. Neste processo de ir para os seus extremos e vir para o centro, a escola pode apresentar-se como um corpo vivo, pulsando, oxigenando-se com o contato gerado fora do seu meio. (NUNES, 2008, p. 2 - 3).

Nesse sentido, mesmo sabendo das contradições e das dificuldades, estamos propondo novas formas e buscando métodos que envolvam o ensino de Filosofia, as TIC e o pensamento kantiano, a exemplo do artigo *A formação do caráter e da autonomia na Filosofia da Educação de Kant*, de Alcione Roberto Roani (2007), onde o autor apresenta a

concepção de educação a partir de uma conciliação entre a arquitetura crítica e as obras tardias de Kant e sobre as quais faz alusão à concepção de educação moral, tendo por base a ideia de Aufklärung e Autonomia.

Com a finalidade básica de formar o pensamento autônomo, assim como a formação do pensamento, o que serve para alicerçar a ideia de humanidade e de progresso no raciocínio kantiano, a educação é vista como a aposta na saída da minoridade para a maioria, estando associada ao uso esclarecido da razão, porém tomando o ponto de vista da moral na construção de uma formação consciente.

A partir do exposto acima, entendemos que, no processo educativo atual, a educação encontra-se diante do que chamamos de sociedade da informação, e neste sentido, a escola e o professor não detêm mais o monopólio do conhecimento, surgindo daí a necessidade de que a mesma deve assumir o papel de mediadora na captura da informação e da transformação deste em conhecimento. Consequentemente, devem despir-se de suas representações sociais e de sua forma tradicional de ensino. Uma dessas possibilidades é a utilização das TIC aliadas ao ensino, e neste caso, ao ensino de Filosofia.

Referências bibliográficas

BLANK, C. K.; GONÇALVES, A. L. A Competência Informacional na Educação a Distância: contribuindo com uma Filosofia de Aprendizagem Independente e ao longo da vida – 2013. In: **Revista Didática Sistemica**, V. 15, N. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/3419>>. Acesso em: maio de 2018.

CASTANHEIRA, G. L. L. **Das limitações do ensino na contemporaneidade à redescoberta da Filosofia através das plataformas digitais: O caso das wiki** – 2013. 65 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2013. Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/1581/1/Tese_Mestrado_Guilherme_Castanheira.pdf> Acesso em: maio de 2018.

DALMARCO, P. S. **A realidade pedagógica analógica: o uso do blog nas aulas de filosofia**. 2015. 109 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba/PR, 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40494?locale-attribute=en>> Acesso em: junho de 2018.

GAVA, G. L.; BASTOS, C. L. A disciplina de filosofia no modelo EAD: limites, desafios e possibilidades da disciplina a distância – 2015. In: **Revista Saberes**, N. 11, 12 fev.2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/6349>> Acesso em: maio de 2018.

LÉVY, P. **Filosofia World**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MORAES, S. B. A. ; TOMAZETTI, E. M.. **Experiências do PIBID Filosofia da UFSM no projeto “O homem e a tecnologia no século XXI**. 2014a. In: Revista Polyphonia, Vol. 25, N. 1, p.19-34. 2014. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/38213>>
DOI: <https://doi.org/10.5216/rp.v25i1.38213> Acesso em: maio de 2018.

MORAES, S. B. A.; TOMAZETTI, E. M. *O ensino de Filosofia e as TIC*. In: Revista Intersaberes, Vol.9, n.18, p.345-360, jul.- dez. 2014b. Disponível em: <https://www.uninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/download/667/419>. Acesso em: maio de 2018.

MORIN, E. **A educação não pode ignorar a curiosidade das crianças**. Entrevista concedida à Globo em 2014. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/educacao-360/a-educacao-nao-pode-ignorar-curiosidade-das-criancas-diz-edgar-morin-13631748>>
Acesso em: março de 2018.

NUNES, L. J. R. Filosofia da educação: influências internas e externas na formação de professores – 2008. In: **Revista Iberoamericana de Educación**. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/329Ribeiro.PDF>> Acesso em: maio de 2018.

PRUDENTE, T. P.; MERCADO, L. P. L.; MATIAS, W. O uso de metodologias ativas com TIC no ensino de disciplinas filosóficas: a abp nos estudos filosóficos. In: **Actas**, Vol. 3, 2015. Disponível em: <<http://filosofiaeducacion.org/actas/index.php/act/article/viewFile/57/39>> Acesso em: maio de 2018.

ROANI, A. R. A formação do caráter e da autonomia na Filosofia da Educação de Kant. In: **Revista de Ciências Humanas**, V. 8, N. 11, 2007. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/view/357>> Acesso em: junho de 2018.

SILVA, E. E. M. Q. da; QUARESMA, C. R. T. As diferentes linguagens nas construções filosóficas no ensino médio: a integração das tecnologias. In: **Revista Di@logus**, Vol. 4, N. 2, 2015. Disponível em: <<http://revistaeletronica.unicruz.edu.br/index.php/Revista/article/view/2667/586>> Acesso em: março de 2018.

SILVA, S. P. **Configurações empíricas da pesquisa em comunicação e cibercultura** [Trabalho apresentado no GT “Comunicação e Cibercultura”, do XVI Encontro de Compós. Curitiba: UTP, jun./2010]. Disponível em: < http://www.compos.org.br/data/biblioteca_175.pdf> Acesso em: março de 2018.

VASQUES, J e DIAS, R. **O uso de recursos midiáticos nas aulas de Filosofia de nível médio na era da tecnologia digital**. 2014. Disponível em: <<https://www.oei.es/historico/congreso2014/memoriactei/441.pdf>> Acesso em: junho de 2018.